

Resultado: Foram analisados 130 pacientes: 58 internados em 2009, um em 2010, um em 2011, dois em 2012, 29 em 2013, dois em 2014, três em 2015 e 34 em 2016. A idade média dos pacientes foi de 47 anos e a distribuição entre os sexos foi a mesma. Condição de doença de base estava presente em 81,5% dos pacientes, a mais frequente foi a doença cardiovascular (38,3%), seguida de imunossupressão medicamentosa (34,7%). Obesidade estava presente em 19,2% dos pacientes. Febre e tosse foram os sintomas mais frequentes (84,6%), seguidos de dispneia (67,7%) e mialgia (38,8%). Dos dados laboratoriais, observamos elevação significativa de CPK e DHL. A internação na UTI ocorreu em 61,5% dos pacientes. Desses, 46,2% receberam drogas vasoativas, 55% necessitaram de VM, disfunção renal ocorreu em 98,7% dos pacientes e terapia de substituição renal em 35%. A identificação laboratorial do agente influenza A H1N1 pdm09 foi predominante, ocorreu em 93,8% casos. Em 14 pacientes foi identificada influenza A sazonal, desses, seis casos apresentaram coinfeção de influenza H1N1 pdm09 e influenza A sazonal. Em 32,3% pacientes, foi identificado outro agente infeccioso. Mais de 95% usaram oseltamivir durante a internação, com média de tempo de início de tratamento de cinco dias. Também usaram antibioticoterapia 90%. Dos 130 pacientes avaliados, 29 evoluíram a óbito. Os fatores que se relacionaram ao óbito foram: o tempo de sintomas até a admissão hospitalar, valores de DHL, identificação de outro microorganismo, uso de suporte de terapia intensiva, tempo de internação e tempo de uso de antimicrobianos.

Não observamos diferença entre pacientes que tiveram infecção por influenza A H1N1 pdm09 e influenza sazonal.

Discussão/conclusão: Não observamos diferença no risco de óbito entre influenza A H1N1 e influenza sazonal. Os escores de gravidade usados para outras doenças também podem ser aplicados para infecção por influenza. As variáveis relacionadas ao risco de óbito são similares às descritas na literatura.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.236>

EP-175

NOROVÍRUS: PRINCIPAL CAUSA DE GASTROENTERITE EPIDÊMICA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Gabriela Akemi Kamioka^{a,b}, Geraldine Madalosso^{a,b}, Eliana Izabel Pavanello^{a,b}, Nidia Pimenta Bassit^{a,b}, Sonia Zeferino Sousa^{a,b}, Ana Paula Sayuri Sato^{a,b}

^a Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Hospital das Clínicas, São Paulo, SP, Brasil

^b Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 4 - Horário: 13:51-13:56 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Norovírus é o principal agente viral de infecções gastrointestinais no mundo e sua alta infectividade gera aumento importante da demanda e dos custos para a saúde pública.

Objetivo: Descrever as norovirose como causa de gastroenterite epidêmica no Município de São Paulo.

Metodologia: Estudo transversal descritivo com dados dos sistemas de Vigilância Epidemiológica de Surto de Gastroenterite e de Vigilância Sentinela Laboratorial do Rotavírus do Município de São Paulo de 2010 a 2016. A definição de caso foi a identificação laboratorial do norovírus como agente etiológico de surtos de doença diarreica em todas as faixas etárias ou de casos esporádicos em menores de cinco anos internados em unidades sentinelas da vigilância do rotavírus.

Resultado: A proporção de surtos por norovírus aumentou significativamente ao longo dos anos ($p = 0,001$), o norovírus é associado a 20,4% (68/334) dos surtos com pesquisa de agente feita. Os surtos ocorreram com maior frequência na Região Norte, seguida das regiões Sul e Sudeste do Município de São Paulo; principalmente em creches, domicílios e hospitais. Houve um predomínio de casos em crianças menores de cinco anos (47,2% do sexo masculino; 28,6% do sexo feminino) e em mulheres entre 20 a 49 anos (38,9%). Na Vigilância Sentinela Laboratorial do Rotavírus do Município de São Paulo, a proporção de casos de norovírus aumentou ao longo dos anos, ultrapassou os casos de rotavírus, agente considerado predominante na infância ($p < 0,001$). O norovírus foi associado a 28,4% (444/1565) dos casos de menores de cinco anos. Os casos foram provenientes principalmente das regiões Norte e Sul, onde estão localizadas as duas unidades sentinelas. Verificou-se pico de ocorrência do norovírus nos meses mais quentes. Destaca-se que o perfil das gastroenterites descrito foi fortemente influenciado pelas características da Vigilância Epidemiológica das Doenças de Transmissão Alimentar do Município de São Paulo.

Discussão/conclusão: O norovírus foi o principal agente etiológico de surtos de gastroenterite e de casos de menores de cinco anos internados por diarreia aguda no Município de São Paulo. A vigilância das gastroenterites por norovírus é importante para o estabelecimento de uma rede integrada entre diferentes estados e países que possibilitem o conhecimento da doença, planejamento de medidas de prevenção e controle e comunicação da informação.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.237>

EP-176

URBANORUM SPP NO BRASIL: ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA PARASITOSE EPIDÊMICA?

Francisco M.D. Leão, Alice Siniauskas, Regina Corbucci, Carlos R.V. Kiffer

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 4 - Horário: 13:58-14:03 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Debates científicos têm surgido sobre nova parasitose intestinal de humanos, *Urbanorum spp*, descrita no Peru em 2016 e no Brasil em 2018. Embora haja relatos na literatura médica, todos têm sido baseados na estrutura morfológica dos potenciais parasitas, com pouca exploração das características clínico-epidemiológicas ou moleculares.

Objetivo: Descrever achados laboratoriais e clínicos compatíveis com *Urbanorum spp*.



Metodologia: Como parte da rotina de um laboratório central, amostras de fezes recebidas de diversas regiões do Brasil são analisadas pelo método de Hoffman e microscopia ótica para análise morfológica dos microrganismos observados. Foram feitos 5.786 PPF de rotina de 27/07/18 a 23/08/18, 84 (1,45%) apresentaram características morfológicas compatíveis com *Urbanorum spp.* Dez pacientes com amostras positivas foram convocados para consulta com questionário clínico-epidemiológico em hospital filantrópico de São Paulo.

Resultado: Das 84 amostras positivas, 20 foram registradas por fotografia ou filmagem e 40 estão mantidas em freezer -20° para estudos posteriores, 36 (43%) são da Região Centro-Oeste do Brasil e 48 (57%) da Grande São Paulo. Nos extremos de idade, uma amostra foi proveniente de criança de 10 meses e uma de adulto com 91 anos. Dos 10 (11,9%) pacientes convocados para consulta clínica, a média de idade foi 32,4 e a mediana de 33 anos, três eram crianças (de quatro a oito anos) e o restante adultos. Dentre esses, cinco (quatro adultos e uma criança) foram submetidos a questionário clínico-epidemiológico e apresentaram-se assintomáticos no momento da consulta, são moradores da mesma região/bairro na cidade de São Paulo, apresentam contato profissional esporádico com indivíduos provenientes de outros países da América Latina, Europa e América do Norte, quatro são funcionárias do hospital filantrópico e uma criança é filha de uma funcionária igualmente infectada.

Discussão/conclusão: Foram identificadas 84 amostras de fezes com características morfológicas sugestivas de *Urbanorum spp.* em indivíduos da Região Centro-Oeste e de São Paulo. Desses, 10 casos são provenientes de uma mesma unidade filantrópica, dos cinco entrevistados até o momento todos estavam assintomáticos. Embora não haja até o momento estudos mais aprofundados sobre esses potenciais parasitas, em especial com sua devida caracterização molecular e taxonômica, em função da frequência de amostras altamente sugestivas, entendemos tratar-se de situação que merece atenção dos órgãos de saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.238>

Área: ANTIMICROBIANOS/INFECTOLOGIA CLÍNICA
Sessão: DOENÇAS EMERGENTES

EP-177

INVESTIGAÇÃO CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICA E ETIOLÓGICA DE INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS VIRAIS NO MUNICÍPIO DE TERESINA, PI

Danilo Rafael da Silva Fontinele, Francisco das Chagas F. de Melo Júnior, Hitalo Roberto de Araújo Coêlho, Emmanuelle Pessoa Costa, Herion Alves da Silva Machado, Liline Maria Soares Martins, Fabiano Vieira da Silva

Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Teresina, PI, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 4 - Horário: 14:05-14:10 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções respiratórias agudas (IRAs) são causas comuns de morbimortalidade, especialmente em

extremos etários e em imunocomprometidos. Apresentam como manifestações clássicas: tosse, febre, dor de garganta, cefaleia e outros. Como etiologia, há os vírus influenza A e B e outros vírus respiratórios (OVRs), entre os quais estão metapneumovírus (HMPV), parainfluenza (PIV), adenovírus (ADV), vírus sincicial respiratório (VSR). Podem causar as síndromes gripal (SG) e respiratória aguda grave (SRAG), de modo que a manifestação varia de um resfriado autolimitado até complicações graves, como meningoencefalites e pneumonia.

Objetivo: Fazer um panorama etiológico viral das IRAs, bem como investigar aspectos clínico-epidemiológicos das infecções por vírus influenza e OVRs em pacientes com SG ou SRAG, em Teresina, de janeiro a abril de 2018.

Metodologia: Estudo retrospectivo, descritivo e qualitativo, feito em um laboratório de saúde pública do Piauí. O trabalho teve aprovação do Comitê de Ética em pesquisa e os dados clínicos e laboratoriais foram procedentes das fichas de notificação de SG e SRAG de 357 pacientes.

Resultado: Verificou-se que 331 (92,71%) pacientes são procedentes de Teresina. Quanto ao aspecto clínico, houve 180 (50,42%) casos de SRAG e de 177 (49,58%) de SG, de modo que o gênero feminino foi o mais acometido, com 205 (57,42%) casos. Em relação à faixa etária, 128 (35,85%) tinham menos de 10 anos, 25 (7%) desses < 1 ano. Entre os sintomas analisados, sobrepuseram febre, tosse e dor de garganta. Quanto à detecção viral por RT-PCR em tempo real, verificou-se que 87 (24,36%) pacientes tinham carga viral detectável para HMPV, 21 (5,88%) para PIV 1, 98 (27,45%) para influenza A (H1N1 pdm09), seis (1,68%) para ADV e 145 (40,61%) sem detecção de vírus. Houve infecção múltipla em 27 (7,56%) pacientes, com predomínio de PIV 1 e HMPV (40,74%) e de PIV 3 e HMPV (37,03%). Notou-se o uso de Oseltamivir (Tamiflu) em 161 pacientes, entre os quais 101 (62,74%) tinham infecção por OVRs.

Discussão/conclusão: Os dados demonstraram predomínio de SG e SRAG em mulheres e crianças. Os sintomas mais observados foram febre, tosse e dor de garganta. Observou-se maior prevalência da infecção por influenza A (H1N1 pdm09), evidenciou uso indevido de Oseltamivir em muitos pacientes. Diante dessa situação, torna-se fundamental a investigação laboratorial de vírus respiratórios e de outros agentes infecciosos, em busca da terapêutica adequada.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.239>

Área: ANTIMICROBIANOS/INFECTOLOGIA CLÍNICA
Sessão: MICROLOGIA

EP-178

CRIOCOCOSE DISSEMINADA E SUA RELAÇÃO COM ASSEPSIA INAPROPRIADA DE EXCRETAS DE POMBOS NOS TELHADOS DE HOSPITAIS

Gustavo Fernandes da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:30-13:35 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

